

A109812

Memórias ES/Sul
(Sta Leopoldina Retiro de Mangaraí)

Culto à simplicidade em moda nos anos 90

Página 8

Nas livrarias, o novo livro de Paulo Coelho

Página 4

Caderno Dois

Semisonic resgata o bom rock inglês

Página 5

Mostra de folclore no Museu Solar Monjardim

Página 2

A GAZETA – Vitória (ES), domingo, 16 de agosto de 1998

As raízes negras de Mangaraí

Remanescente de quilombo, a comunidade negra de Retiro de Mangaraí, em Santa Leopoldina, luta para manter antigas tradições

SILVANA HOLZMEISTER

Escondida entre árvores e montanhas, uma comunidade negra vive ilhada em meio a grupos de descendentes de holandeses, suíços, luxemburgueses, alemães e pomeranos, no município de Santa Leopoldina. Apesar das diferenças de raças, os moradores de Retiro do Mangaraí garantem que não há discriminação. A luta deste povo é pela preservação da sua cultura, com o resgate de tradições comuns durante a escravidão e que remontam à memória de Benvindo Pereira dos Anjos, o escravo que fundou o povoado em 1912. Não tem sido uma tarefa fácil, mas as 52 famílias moradoras do local começam aos poucos a se organizar. O primeiro passo foi a formação da Banda de Congo Unidos do Retiro. Agora, os mais velhos passam para os jovens os segredos da culinária e o pouco que ainda lembram do passado.

Foi mestre Reginaldo Flores, da Banda de Congo Amores da Lua – do bairro Jucutuquara, em Vitória –, quem ajudou os moradores de Retiro a recordarem as batidas do ritmo

afro. “Aprendemos a tocar reco-reco e a fazer um tambor”, conta Mário Pereira dos Anjos, 50 anos, bisneto do “véio” Benvindo e mestre da banda da comunidade. Segundo ele, a tradição ficou perdida porque antigamente se fazia pouco caso dela. “É a nossa terceira geração que está resgatando tudo isto”, conta, ressaltando o desejo de não permitir que seus netos fiquem alienados. “Não quero que acabe o que está no sangue”, explica. No processo de memorização do congo, iniciado oito anos atrás, dona Etelvina do Sacramento Ferreira, 67 anos, foi peça-chave, por ser a única da comunidade a conhecer de perto a festança. “Aos 18 anos, ia a pé pelo mato, para acompanhar a banda de Regência na festa de São Pedro”, recorda.

A banda Unidos do Retiro possui cerca de 15 componentes. “Eram mais, porém, muitos morreram”, avisa Etelvina, acrescentando que a meninada entre 15 e 18 anos está sendo incentivada a participar. Além do congo, parte da população está atuando, também, na Folia de Reis realizada no povoado de Holambra. De acordo com a secretária

de turismo de Santa Leopoldina, Raquel Rocha Moulin, para dar apoio aos grupos folclóricos, a partir do próximo mês deverão ocorrer apresentações na sede do município, todos os domingos, durante a feira de artesanato.

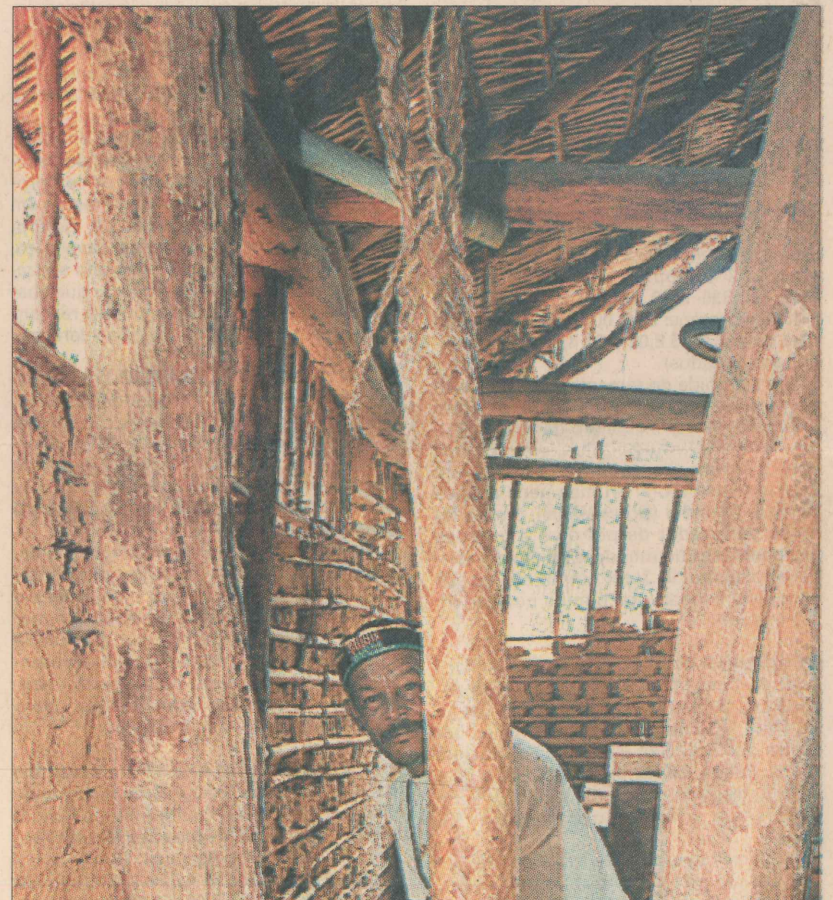
MEMÓRIA – Manter viva a culinária dos antepassados tem sido mais fácil, na opinião de Joventina Maria da Conceição Brito, 70 anos. Receitas como a de paçoca de banana são passadas para as meninas assim que elas atingem idade para cozinhar. Também é ressaltada a importância do cultivo da mandioca, importante para a produção de beiju, tapioca e mingau de mandioca puba – corruptela de podre. Junto com a plantação é incentivada a manutenção do quitungo, instrumento criado no século passado para o preparo da farinha. Durante décadas a venda do produto sustentou as famílias de Retiro, mas hoje é produzido apenas para consumo interno, devido ao baixo preço obtido no mercado.

Desafio mesmo, é recordar os fatos históricos que marcaram a criação da comunidade. Pouco foi pas-

sado de pai para filho, por isto, é grande o grau de desinformação. “Não sei explicar a fundação daqui”, comenta Etelvina Ferreira. Para Mário Pereira dos Anjos o motivo está no perfil dos seus antepassados. “Os velhos não tinham tempo ou não gostavam de conversar com os filhos”, afirma. O levantamento dos fatos tem sido feito por historiadores e antropólogos com base em alguns registros encontrados nos cartórios de Santa Leopoldina.

Na área de 160 hectares – 60% é de mata virgem –, a forma como as casas das 52 famílias estão espalhadas e o uso do estuque lembram a estrutura das aldeias dos índios guaranis situadas no Norte do Estado. Apesar da simplicidade das moradias, o progresso ronda a comunidade. Trouxe comodidades a partir da luz elétrica: televisão, geladeira e som. Uma creche com professora paga pela prefeitura municipal faz o dia-a-dia das crianças parecido com o de tantas outras. E quem já está em idade escolar aprende os segredos da escrita na escola de Barra de Mangaraí.

■ Leia mais na página 3



As raízes negras de Mangaraí

Remanescente de quilombo, a comunidade negra de Retiro de Mangaraí, em Santa Leopoldina, luta para manter antigas tradições

SILVANA HOLZMEISTER

Escondida entre árvores e montanhas, uma comunidade negra vive ilhada em meio a grupos de descendentes de holandeses, suíços, luxemburgueses, alemães e pomeranos, no município de Santa Leopoldina. Apesar das diferenças de raças, os moradores de Retiro do Mangaraí garantem que não há discriminação. A luta deste povo é pela preservação da sua cultura, com o resgate de tradições comuns durante a escravidão e que remontam à memória de Benvido Pereira dos Anjos, o escravo que fundou o povoado em 1912. Não tem sido uma tarefa fácil, mas as 52 famílias moradoras do local começam aos poucos a se organizar. O primeiro passo foi a formação da Banda de Congo Unidos do Retiro. Agora, os mais velhos passam para os jovens os segredos da culinária e o pouco que ainda lembram do passado.

Foi mestre Reginaldo Flores, da Banda de Congo Amores da Lua – do bairro Jucutuquara, em Vitória –, quem ajudou os moradores de Retiro a recordarem as batidas do ritmo

afro. “Aprendemos a tocar reco-reco e a fazer um tambor”, conta Mário Pereira dos Anjos, 50 anos, bisneto do “véio” Benvido e mestre da banda da comunidade. Segundo ele, a tradição ficou perdida porque antigamente se fazia pouco caso dela. “É a nossa terceira geração que está resgatando tudo isto”, conta, ressaltando o desejo de não permitir que seus netos fiquem alienados. “Não quero que acabe o que está no sangue”, explica. No processo de memorização do congo, iniciado oito anos atrás, dona Etelvina do Sacramento Ferreira, 67 anos, foi peça-chave, por ser a única da comunidade a conhecer de perto a festança. “Aos 18 anos, ia a pé pelo mato, para acompanhar a banda de Regência na festa de São Pedro”, recorda.

A banda Unidos do Retiro possui cerca de 15 componentes. “Eram mais, porém, muitos morreram”, avisa Etelvina, acrescentando que a meninada entre 15 e 18 anos está sendo incentivada a participar. Além do congo, parte da população está atuando, também, na Folia de Reis realizada no povoado de Holambra. De acordo com a secretária

de turismo de Santa Leopoldina, Raquel Rocha Moulin, para dar apoio aos grupos folclóricos, a partir do próximo mês deverão ocorrer apresentações na sede do município, todos os domingos, durante a feira de artesanato.

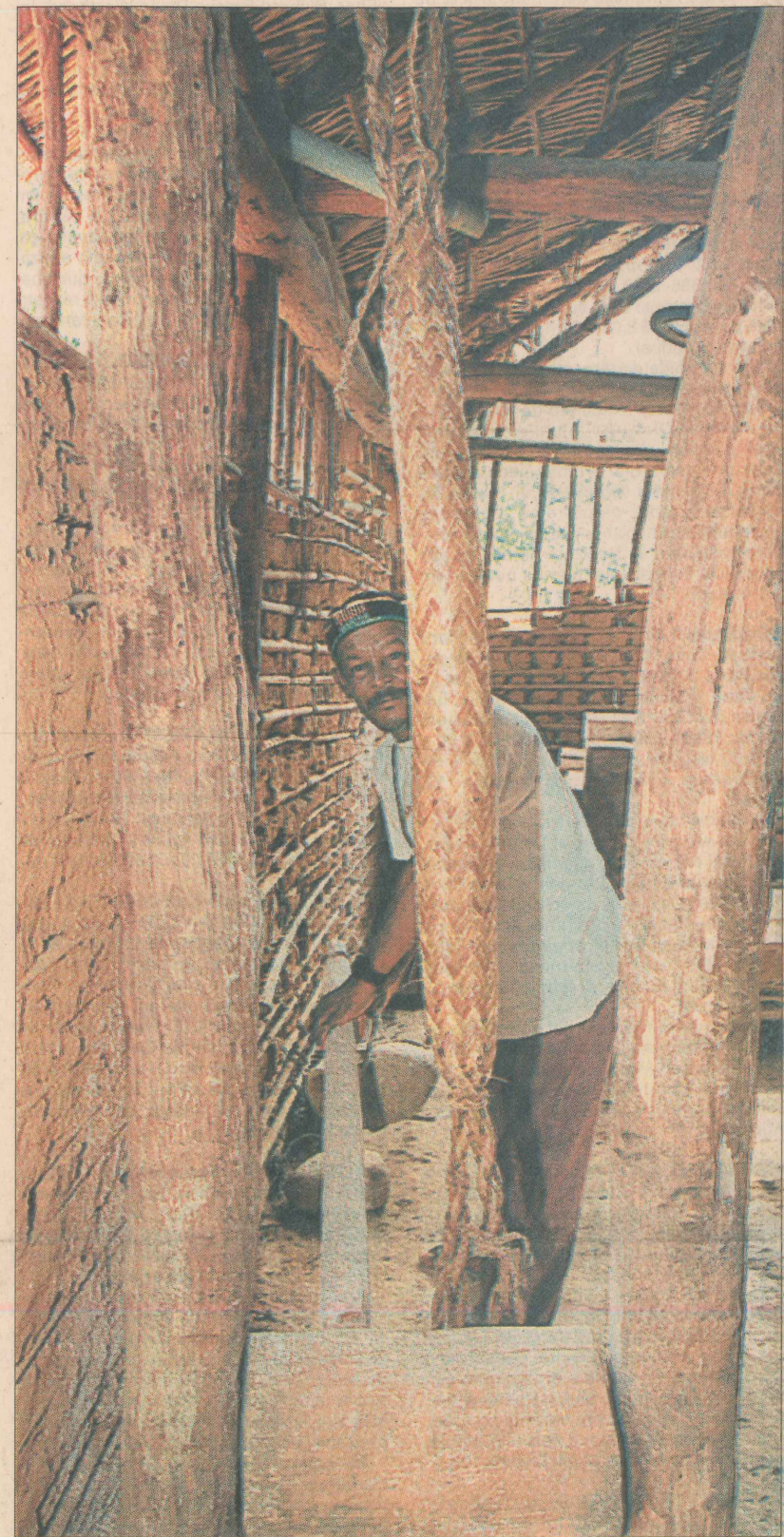
MEMÓRIA – Manter viva a culinária dos antepassados tem sido mais fácil, na opinião de Joventina Maria da Conceição Brito, 70 anos. Receitas como a de paçoca de banana são passadas para as meninas assim que elas atingem idade para cozinhar. Também é ressaltada a importância do cultivo da mandioca, importante para a produção de beiju, tapioca e mingau de mandioca puba – corruptela de podre. Junto com a plantação é incentivada a manutenção do quitungo, instrumento criado no século passado para o preparo da farinha. Durante décadas a venda do produto sustentou as famílias de Retiro, mas hoje é produzido apenas para consumo interno, devido ao baixo preço obtido no mercado.

Desafio mesmo, é recordar os fatos históricos que marcaram a criação da comunidade. Pouco foi pas-

sado de pai para filho, por isto, é grande o grau de desinformação. “Não sei explicar a fundação daqui”, comenta Etelvina Ferreira. Para Mário Pereira dos Anjos o motivo está no perfil dos seus antepassados. “Os velhos não tinham tempo ou não gostavam de conversar com os filhos”, afirma. O levantamento dos fatos tem sido feito por historiadores e antropólogos com base em alguns registros encontrados nos cartórios de Santa Leopoldina.

Na área de 160 hectares – 60% é de mata virgem –, a forma como as casas das 52 famílias estão espalhadas e o uso do estuque lembram a estrutura das aldeias dos índios guaranis situadas no Norte do Estado. Apesar da simplicidade das moradias, o progresso ronda a comunidade. Trouxe comodidades a partir da luz elétrica: televisão, geladeira e som. Uma creche com professora paga pela prefeitura municipal faz o dia-a-dia das crianças parecido com o de tantas outras. E quem já está em idade escolar aprende os segredos da escrita na escola de Barra de Mangaraí.

■ Leia mais na página 3



A formação da Banda de Congo Unidos de Mangaraí faz parte do processo de resgate cultural da comunidade. Acima, área de secamento da farinha de mandioca, produto que durante anos garantiu o sustento das famílias